

## O modo de endereçamento do Globo Repórter

Marília Hughes Guerreiro Costa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, MHG. O modo de endereçamento do Globo Repórter. In: GOMES, IMM., org. *Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 151-171. ISBN 978-85-232-1199-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O modo de endereçamento do *Globo Repórter*

Marília Hughes Guerreiro Costa

## INTRODUÇÃO

O *Globo Repórter*, depois do *Jornal Nacional*, é o mais antigo programa de telejornalismo da Rede Globo. A primeira exibição do *Globo Repórter* foi ao ar em abril de 1973 e, desde lá, o programa se mantém na grade de programação da emissora. São mais de 30 anos de *Globo Repórter* na televisão brasileira. Atualmente, o programa é exibido em horário nobre, numa frequência semanal, sempre às sextas-feiras, às 21hs 45min. (MEMÓRIA GLOBO, [2008]) A cada semana, o *Globo Repórter* aborda um tema diferente, que é desenvolvido em cinco blocos divididos por intervalos comerciais.

Velho conhecido da audiência, o *Globo Repórter*, de acordo com o site oficial do programa, é um dos produtos jornalísticos mais assistidos da televisão brasileira, com cerca de 30 milhões de telespectadores por programa. (MEMÓRIA GLOBO, [2008]) Segundo informações do IBOPE, o *Globo Repórter*, entre os programas jornalísticos da TV aberta, perde apenas para o *Jornal Nacional*, considerado o líder absoluto da audiência. Entre os dias 06 e 12 de agosto de 2007, por exemplo, o IBOPE registrou 32% de audiência para o *Globo Repórter* e 37% para o *Jornal Nacional*. Entre os dias 27 de agosto e 02 de setembro de 2007, o *Globo Repórter* alcançou 33% dos domicílios pesquisados e o *Jornal Nacional* se manteve com 37%<sup>1</sup>. Ainda de acordo com o site oficial do programa (MEMÓRIA GLOBO, [2008]), o *Globo Repórter* foi feito para suprir uma carência do público por assuntos polêmicos ou de interesse geral, tratados em profundidade. Portanto, o programa promete jornalismo com profundidade. A proposta do presente artigo é analisar o modo de endereçamento do *Globo Repórter*, além de discutir a noção de profundidade colocada em prática no interior do programa.

---

1 Dados retirados do site <[www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br)> Acesso em: 21 dez. 2007.

## GLOBO REPÓRTER: UM BREVE HISTÓRICO

O *Globo Repórter* teve origem numa série de documentários feita para ser exibida na TV. A série estreou em 1971 e era chamada de *Globo Shell Especial*, em função do nome do patrocinador. Em 1973, a série torna-se um programa e recebe o nome de *Globo Repórter*.

Apesar do telejornalismo no Brasil ter, na sua origem, uma forte ligação com o rádio, não é essa a referência primeira do *Globo Repórter*, que apresentou, nos seus dez primeiros anos, um vínculo muito maior com o cinema. Nesse período, muitos cineastas colaboraram para o programa. A maioria deles vinha de uma experiência com o *Cinema Novo* e o *Globo Repórter* representou para eles um primeiro contato com a televisão. A presença de cineastas na equipe do *Globo Repórter* foi responsável por uma aproximação pioneira entre o cinema e a televisão no Brasil. Passaram pelo programa diretores como Eduardo Coutinho, Maurice Capovilla, Hermano Penna, João Batista de Andrade, entre outros. Muitos deles trabalharam no *Globo Repórter* através de uma produtora independente, a *Blimp Filmes*, responsável por realizar alguns documentários. Outros, como Eduardo Coutinho, eram contratados da própria emissora.

Apesar do preconceito que sofria a televisão por parte dos intelectuais de esquerda, principalmente em relação à TV Globo, símbolo da opressão na ditadura, os cineastas que se aventuraram no novo meio estavam motivados pela possibilidade de alcançar um número de espectadores impensável através do cinema, além de ter recursos para filmar com regularidade. Paulo Gil Soares, que dirigia a série *Globo Shell Especial*, declarou para o jornal *O Globo*, em três de julho de 1972 (SACRAMENTO, 2008): “Não estou interessado em fazer filme para meia dúzia de pessoas. Eu tenho a preocupação de informar e quero que minha informação chegue ao público. Para isso, uso a televisão”.

No início, observa-se certa experimentação de linguagem, o que resulta em uma diversidade de abordagens de representação do “real”. No entanto, havia algumas regras impostas pela emissora, e a principal delas era a presença de Sérgio Chapelin como o narrador oficial do programa. Segundo Hermano Penna (2002), em depoimento no site do *É Tudo*

*Verdade*<sup>2</sup>, Festival Internacional de Documentários, “o que se conseguiu de expressão pessoal numa TV daquela, num momento como aquele, foi um milagre. Mas havia regras – e uma delas é que tinha que botar o Sérgio Chapelin. Como superar isto?”

Sérgio Chapelin foi uma presença marcante em quase todas as edições do *Globo Repórter*. Nos dez primeiros anos do programa, quando ainda não havia a presença de um apresentador em estúdio, cabia ao Sérgio Chapelin a narração. Em *Mulheres do Cangaço* (1976), dirigido por Hermano Penna, a voz *over* de Chapelin, que narra todo o programa, cede apenas à voz dos entrevistados. No entanto, a participação dele foi reduzida ou mesmo eliminada em alguns programas, uma vez que os diretores buscavam experimentar novas possibilidades de representação no documentário. O exemplo mais marcante é o de *Teodorico, o Imperador do Sertão*, realizado por Eduardo Coutinho em 1978. Neste programa, o diretor inova ao utilizar o protagonista como o narrador de sua própria história. Sobre o filme, em depoimento no site do *É Tudo Verdade*, Coutinho (2002) declara: “Meu sonho era realizar um filme sem locutor. O documentário começa com o Coronel dizendo: ‘Estamos aqui fazendo um filme’. E ele vai narrando tudo, faz inclusive as entrevistas, 90% delas.”

O *Globo Repórter* foi lançado em plena ditadura militar. A presença de Sérgio Chapelin também foi a maneira encontrada pela Rede Globo de exercer controle sobre os conteúdos dos programas, no caso, o texto em *over*, já que o uso de película dificultava a revisão do material filmado pela emissora. Dez anos depois, em 1983, o suporte é mudado de filme para vídeo, o que altera o processo de trabalho e possibilita um maior controle, não apenas sobre os conteúdos, mas também sobre a forma. Nesse estágio, os repórteres ganham força, em detrimento dos cineastas. A Rede Globo passa a controlar inteiramente a produção do *Globo Repórter*, que fica, então, sob a responsabilidade de uma equipe interna de profissionais contratados pela emissora, em sua maioria, formada por

---

2 No ano de 2002, o Festival de Documentários *É Tudo Verdade* fez a retrospectiva *Cinema na TV: Globo Shell Especial e Globo Repórter 1971–1979*, com a presença de cineastas que trabalharam no programa na época.

jornalistas. O ano de 1983, portanto, representa uma linha divisória que marca a transição pela qual passou o programa.

O *Globo Repórter*, numa perspectiva histórica, substituiu um modelo mais próximo do cinema e caminhou em direção à consolidação de um formato de documentário televisivo e jornalístico, que se tornou padrão na Rede Globo. Esse padrão, por sua vez, permite falar de um modo de tratamento dos temas, que independe do diretor ou mesmo do conteúdo do programa. O que é muito diferente dos produtos que marcaram os primeiros anos do *Globo Repórter*. A análise da trajetória do *Globo Repórter* nos permite compreender como a televisão brasileira, no caso específico, a Rede Globo, foi configurando um modo de fazer jornalismo na TV, cada vez mais distante de outros campos, como o cinema e o rádio, em direção a uma linguagem (ainda em formação) que fosse mais apropriada ao meio televisivo. Esse histórico do *Globo Repórter* reflete mudanças nos modos de endereçamento do programa, que, por sua vez, foram consolidando formas específicas do fazer jornalístico na televisão e moldando as expectativas dos telespectadores em relação ao programa.

#### O GLOBO REPÓRTER HOJE

Em 2008, o *Globo Repórter* completou 35 anos de exibição. Na edição de aniversário, exibida no dia 04 de abril, Sérgio Chapelin destaca a sua longa participação no programa:

**Sérgio Chapelin** – Boa noite! Estamos de volta às noites de sexta num dia muito especial para o nosso programa<sup>3</sup>. Em abril de 1973, o som agudo de uma guitarra elétrica anunciou pela primeira vez (no telão é exibida a vinheta de estréia do programa, em 1973). *Globo Repórter*, 35 anos no ar! Para celebrar o aniversário, o tema que você nos ajudou a escolher. Saúde e qualidade de vida. O assunto mais votado pelas milhares de pessoas que acessaram o nosso site. **Quando apresentei o nosso programa pela primeira vez**, não imaginava que passaríamos por mudanças tão radicais. E se nós

---

3 Durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2008, o *Globo Repórter* cedeu lugar à programação de férias da Rede Globo e foi substituído pela versão 8 do *reality show*, *Big Brother Brasil*.

pudéssemos viajar no tempo, encontraríamos um Brasil muito diferente.

Sérgio Chapelin atua no *Globo Repórter* desde a estreia, o que nos permite dizer que ele confere um rosto ao programa. Inicialmente, sua função era apenas de narrador, na década de 80, ele se torna o primeiro apresentador do *Globo Repórter*, papel que exerce até os dias de hoje. Sérgio Chapelin começou a carreira como locutor de rádio, passando pela Rádio Nacional e pela Rádio Jornal do Brasil. Em 1972, estreou na Rede Globo como apresentador do *Jornal Hoje*, substituindo Ronaldo Rosas. No mesmo ano, passou a dividir com Cid Moreira a apresentação do *Jornal Nacional*, o noticiário de maior audiência no país. Juntos, eles formaram a dupla que por mais tempo esteve à frente de um telejornal. Sérgio Chapelin e Cid Moreira apresentaram o *Jornal Nacional* até 1996, quando houve uma reestruturação do noticiário e a dupla foi substituída por William Boner e Lília Witte Fibe. Com esse histórico, Sérgio Chapelin tornou-se um antigo conhecido da audiência e ganhou uma credibilidade que é transferida ao programa e reconhecida pelo público.

O *Globo Repórter* abre com uma vinheta de 10 segundos. A primeira imagem é da logomarca do programa, vista de longe, de forma tridimensional, apoiada sobre uma superfície curva, que simula um planeta. A cor segue uma gradação que vai do azul ao preto. Um deslocamento rápido nos leva para dentro da marca, percorremos o interior das letras, circulamos o globo posicionado no centro da figura. O globo se movimenta em torno de seu próprio eixo e numa direção ascendente. Ele é ao mesmo tempo o símbolo da emissora e parte do nome do programa. Após uma volta completa no globo, o movimento nos leva para o alto, onde podemos ler *Globo Repórter*. Toda a parte visual é acompanhada pela música – tema do programa, *Freedom of Expression*, que foi gravada originalmente pelo grupo J. B. Pickers. A música, que também é parte da trilha sonora do filme *Vanishing Point (Corrida contra o Destino, 1971)*, se tornou uma marca do *Globo Repórter*. O som, agudo e de alto impacto, funciona como um sinal de alerta. Estratégia pertinente ao meio televisivo, cuja recepção, em geral, acontece no ambiente doméstico, marcadamen-

te dispersivo. Através da vinheta, o programa fecha e inicia os blocos, anuncia o fim e o início dos intervalos comerciais. O programa é exibido há 35 anos e a concepção da vinheta (que é pensada a partir do nome do programa) e a música de abertura se mantiveram as mesmas, apesar de terem se modernizado a partir de avanços técnicos ao longo dos anos.

Logo após a vinheta, aparece Sérgio Chapelin em um plano médio, no estúdio do programa. Na parte inferior do quadro surge o nome do apresentador. O primeiro bloco é o maior de todos no que diz respeito ao tempo de apresentação de Sérgio Chapelin. Ele está vestido seriamente, com terno e gravata. Como um mestre de cerimônias, saúda o telespectador com um “Boa Noite” formal, que é acompanhado por um leve aceno de cabeça. Essa expressão é repetida em todas as aberturas do programa. Em seguida, ele informa o tema e seus desdobramentos, isto é, tudo aquilo que o público vai conhecer naquela noite. Ao final de cada bloco, Sérgio Chapelin faz uma chamada para o próximo, ou seja, ele reaparece brevemente para anunciar aquilo que o programa vai exibir “a seguir” ou “daqui a pouco”, após o intervalo comercial.

Durante toda a apresentação do *Globo Repórter*, Sérgio Chapelin estabelece com o telespectador uma relação olho no olho. Em pé, no estúdio, ele fala de frente à câmera, portanto, para o público. Por vezes, ele aponta o dedo indicador em direção à audiência, como se dissesse “você que está me assistindo”. Esse gesto cria uma aproximação ainda maior entre o apresentador e o telespectador. De modo análogo à fala, que é pausada, sóbria e sem mudanças bruscas de entonação, os gestos do apresentador são curtos e contidos. Apesar do estúdio do programa ser amplo, o apresentador se movimenta muito pouco pelo espaço. Todo o deslocamento de Sérgio Chapelin é ensaiado e controlado pelo posicionamento das câmeras. Muitas vezes, não é necessário nem que ele saia do lugar, basta uma virada de corpo e sua imagem passa a ser veiculada por outra câmera, com conseqüente mudança de enquadramento. Os movimentos também são planejados de acordo com o tamanho do quadro, num plano fechado, Sérgio Chapelin permanece parado, num plano mais aberto, podemos vê-lo avançar alguns passos em direção ao telespectador. Ele é sempre filmado

de frente para a câmera, numa relação olho no olho com a audiência. A câmera também se movimenta, mas de modo suave e lento. A partir de um plano geral, a câmera avança em um *travelling* em direção ao apresentador. Esse movimento de câmera também é acompanhado por um deslocamento dele, que caminha alguns passos em direção à câmera. O conjunto dos movimentos, da câmera e do apresentador, cria o efeito de aproximação entre telespectador e programa. Com todas essas preocupações e marcações de cena, não há espaço para o improviso por parte de Sérgio Chapelin. As apresentações são sempre gravadas com antecedência e nunca há transmissão ao vivo, seja no estúdio ou na reportagem.

É através dos enquadramentos que o cenário é explorado visualmente. Através de um plano geral, vemos que no chão, no centro do estúdio, um círculo azul simula o globo terrestre. Azul é a cor do cenário do programa, também a cor usada na representação do planeta terra. A imagem do globo terrestre ganha tridimensionalidade a partir de uma parede côncava posicionada ao fundo. Essa parede possui linhas que simulam as marcações latitudinais e longitudinais da Terra. A partir delas formam-se telas onde são exibidas imagens do programa. A edição dessas imagens é feita a partir do texto verbal de Sérgio Chapelin e serve para ilustrar aquilo que o apresentador anuncia que iremos ver, naquela edição ou no próximo bloco. Na extremidade oposta à parede, há uma espécie de bancada, com uma forma convexa, que difere das tradicionalmente vistas em telejornais diários. Ela serve menos ao apresentador e mais à composição do cenário, pois sua presença reforça a ideia do globo terrestre. Na criação do cenário, percebe-se um minucioso trabalho de criação, assim como uma inegável complexidade tecnológica. Os recursos mobilizados dão importantes pistas do poderio da emissora, que investe na produção do programa e no telejornalismo. A impressão que temos do cenário, além da relação óbvia com o nome do programa, é a de que o apresentador está no centro do globo terrestre, no meio do mundo, que não há fronteiras para o *Globo Repórter*.

Para acessar os assuntos priorizados pelo *Globo Repórter*, que escolhe um único tema para a construção do programa como um todo, foi feito



um levantamento de todas as edições exibidas entre janeiro e setembro de 2008<sup>4</sup>. Segundo o site oficial do programa (MEMÓRIA GLOBO, [2008]), os assuntos pertinentes ao *Globo Repórter* dividem-se em quatro categorias ou selos, que são estabelecidos *a priori* e definem a linha editorial do programa. São eles: aventura, comportamento, ciência e atualidades. Sobre a frequência, eles são abordados num esquema de rotatividade, com pequenas variações. A repetição de enfoques temáticos a cada mês é uma estratégia que, se, por um lado, influi na logística de produção, por outro, familiariza a audiência com o *menu* ofertado pelo programa. As escolhas temáticas do *Globo Repórter* também nos dizem sobre diferenças entre o programa e outros jornalísticos, como os telejornais diários, no que diz respeito à escolha da informação. O *Globo Repórter*, diferentemente dos noticiários, não está ligado ao factual do dia ou da semana. Não faz parte de sua promessa atualizar o telespectador com o quê de mais recente e relevante aconteceu no país e/ou no mundo, nem aprofundar notícias que receberam destaque em telejornais diários. Além disso, o *Globo Repórter* dedica-se a apenas um tema por edição, enquanto os noticiários são divididos em editoriais e abordam assuntos distintos. Algumas vezes, existem correspondências entre eles. É comum o *Globo Repórter* tratar de questões do dia a dia que estão em pauta na sociedade e que dizem respeito ao tempo presente do telespectador. É possível encontrar em matérias veiculadas em telejornais diários as mesmas categorias temáticas do *Globo Repórter*, como ciência e atualidades. Mas, qualquer que seja o tema da semana, no *Globo Repórter* ele é tratado ou como uma descoberta, uma grande novidade, ou como uma exclusividade do programa.

**Sérgio Chapelin** – “Uma nova descoberta médica: quem tem amigos corre menos risco de ficar doente”<sup>5</sup>.

---

4 Os temas que foram pautados pelo *Globo Repórter* nos últimos anos podem ser acessados através do site oficial do programa, onde estão listadas as edições do programa, por dia, mês e ano de exibição.

5 *Globo Repórter*, programa exibido em 19 de setembro de 2008. Selo Comportamento.

**Sérgio Chapelin** – “O Globo Repórter revela com exclusividade o resultado assustador de uma pesquisa nacional: dois em cada três brasileiros têm problemas para dormir”<sup>6</sup>.

**Sérgio Chapelin** – “Pela primeira vez, uma equipe de TV brasileira chega às pequenas aldeias das montanhas mais altas do planeta”<sup>7</sup>.

**Sérgio Chapelin** – “Quantas revelações! A ciência derrubou um mito que durou séculos. As células nervosas podem sim se regenerar”<sup>8</sup>.

A informação também é frequentemente oferecida como uma atração, como algo sensacional ou fora do comum. É comum o *Globo Repórter* prometer histórias e personagens que escapam ao ordinário.

**Sérgio Chapelin** – “No programa dessa noite você vai conhecer o homem que sabe demais. O milagre da música! Como ela mudou a vida de uma diarista e de seus dois filhos”<sup>9</sup>.

A partir de expressões como essas, o programa busca despertar a curiosidade do público, atrair a sua atenção, que se vê diante de algo novo e inusitado.

Em programas classificados com o selo aventura, o telespectador é frequentemente convidado a conhecer um país estrangeiro, tratado como desconhecido por ele. Em 2008, foram exibidos os programas *Japão: o país dos mistérios*<sup>10</sup>, *Os Mistérios da Turquia*<sup>11</sup>, *África: o berço da vida*<sup>12</sup>, entre outros. Na abertura de cada um desses programas, Sérgio Chapelin promete ao telespectador uma viagem espetacular. No programa sobre a Turquia, por exemplo, o público é convidado a conhecer “as belezas e os mistérios da região em uma viagem fascinante”. Já ao repórter

---

6 *Globo Repórter*, programa exibido em 22 de agosto de 2008. Selo Ciência.

7 *Globo Repórter*, programa exibido em 19 de setembro de 2008. Selo Aventura.

8 *Globo Repórter*, programa exibido em 26 de agosto de 2008. Selo Ciência.

9 *Globo Repórter*, programa exibido em 26 de agosto de 2008. Selo Ciência.

10 *Globo Repórter*, programa exibido em 13 de junho de 2008. Selo Aventura.

11 *Globo Repórter*, programa exibido em 11 de julho de 2008. Selo Aventura.

12 *Globo Repórter*, programa exibido em 1 de agosto de 2008. Selo Aventura.

cabe nos guiar nessa viagem. O telespectador é tratado como um turista que comprou um pacote pronto. O programa define todas as atrações. Os lugares visitados, na maioria das vezes, são conhecidos pontos turísticos dos países, mas para torná-los mais atraentes e especiais aos olhos do telespectador, são tratados a partir de adjetivos como fascinante, surpreendente, incrível, entre outros. Estes são termos empregados pelos mediadores, apresentador e repórter, na atração/sedução do telespectador para que ele embarque nessa viagem através do programa. Como indica o selo, a narrativa é construída a partir de um forte diálogo com os relatos de aventura. Os recursos audiovisuais e retóricos, mais do que informar, buscam produzir efeitos sensoriais no telespectador. Nessas edições do programa, o objetivo é colocar o telespectador na situação, fazer com que ele se sinta capaz de compartilhar as sensações de quem está pessoalmente no local. No programa *Mistérios da Turquia*, um grupo de turistas passeia de balão pela Capadócia. O programa exhibe imagens aéreas da região. Dessa forma, o telespectador tem acesso ao lugar como se estivesse ali, dentro do balão, voando com o grupo e compartilhando com ele o deslumbramento diante da paisagem exuberante do lugar. O repórter passeia pelas cidades subterrâneas da Turquia. Através de uma câmera subjetiva, o receptor fica colado à percepção do repórter. O clima é de suspense e mistério. A música também cumpre uma importante função nesse sentido. Além disso, há o texto verbal do mediador, ou seja, há todo um conjunto de aspectos audiovisuais utilizados a fim de se alcançar o resultado desejado. Esses recursos servem aos propósitos do programa, que além de seu caráter informativo, apela aos aspectos sensoriais do telespectador. Na maioria das vezes, edições desse tipo são produzidas por uma equipe de reportagem do *Globo Repórter*, mas o programa também pode veicular uma produção estrangeira, principalmente da BBC ou do Discovery Channel. Neste caso, cabe ao programa inserir a narração de Sérgio Chapelin e remontar o material para uma melhor adaptação ao formato desejado. Só em produções estrangeiras, o Sérgio Chapelin reaparece como narrador, função hoje exercida pelo repórter, mas que quase sempre coube ao Sérgio Chapelin nos programas dos anos 70 e início dos anos 80. Sob o selo aventura também se encontram pro-

gramas que abordam a natureza (o que inclui animais, vegetação, rios etc.) a partir de regiões brasileiras, como a Amazônia e o Pantanal, tratadas como exóticas e exuberantes. Nesses casos, a ênfase é colocada no perigo, nos desafios e obstáculos para se alcançar o objetivo desejado, filmar a onça-pintada, por exemplo. O repórter aparece como um aventureiro, um desbravador. O que foi observado no programa *Diferentes Pantanaís*, descrito como “[...] uma aventura no território selvagem mais exuberante do Brasil”<sup>13</sup>, e no programa *Rainha das Matas Brasileiras*, assim descrito: “[...] o *Globo Repórter* segue os passos da onça-pintada pelas mais belas florestas do país”<sup>14</sup>.

No *Globo Repórter*, grande valor é dado ao saber científico, que aparece numa relação estreita com qualidade de vida. A informação ganha os contornos de uma descoberta que trará consequências positivas à vida do telespectador. Com o selo ciência aparecem, principalmente, programas sobre saúde, um tema muito recorrente no *Globo Repórter* e assunto escolhido pelo público, através de votação pela internet, para celebrar os 35 anos do programa. No programa *Novos Velhos*, exibido no dia 27 de junho de 2008, o *Globo Repórter* estava preocupado em informar sobre as últimas descobertas para uma vida longa e saudável. No dia 10 de agosto de 2007, o *Globo Repórter* exibiu o programa *Campeões da Nutrição* e apresentou os alimentos mais saudáveis para os brasileiro através de uma lista exclusiva preparada pelas principais universidades do país. No *Globo Repórter* exibido no dia 23 de maio de 2008 sobre o humor, o sorriso é considerado um atestado de saúde. O exercício também é tratado como fundamental para uma vida saudável. No programa *Mexa-se*, do dia 18 de julho de 2008, o *Globo Repórter* buscou informar sobre o melhor exercício para quem não gosta de se mexer.

Em programas exibidos com o selo ciência, o *Globo Repórter* toma para si o lugar de mediar as informações entre os especialistas (fontes) e as pessoas comuns (leigas), como anuncia o apresentador no programa *Novos Velhos*, exibido no dia 27 de junho de 2008: “E o conselho dos especia-

---

13 *Globo Repórter*, programa exibido em 3 de agosto de 2007. Selo Aventura.

14 *Globo Repórter*, programa exibido em 2 de maio de 2008. Selo Aventura.

listas: o que fazer para chegar bem à velhice?” Nessa edição, foi consultado Roberto Lourenço, professor de geriatria da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Os especialistas, principalmente médicos e pesquisadores, detêm o saber e oferecem credibilidade à informação. No programa, cabe a eles apresentar soluções para problemas que afetam os brasileiros (a audiência). Em geral, elas vêm em forma de receitas: “no Globo Repórter de hoje receita de vida longa e saudável”. Portanto, para alcançar os resultados anunciados no programa, *Vida longa e saudável*, basta seguir passo a passo as instruções. Sobre as agruras da idade, o repórter informa: “o tempo passa para todos e provoca mudanças inevitáveis no nosso corpo. Dificuldade para ver e ouvir, perda de equilíbrio e força nos músculos, falta de atenção. E aí, um passo em falso pode ser um perigo.” A partir da exposição do problema, o *Globo Repórter* aponta uma saída: a aula de prevenção de quedas, criada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e adotada pelo *Programa Viva Idoso*, da prefeitura de Niterói. Além da consulta a especialistas, o *Globo Repórter* usa dados oficiais e estatísticos para dar sustentação e relevância à informação. Segundo uma passagem do repórter, “[...] o Ministério da Saúde considera que as quedas e suas conseqüências já estão assumindo as dimensões de uma epidemia. Por ano, 93 mil idosos são internados no Brasil por causa de tombos”. Entrevistas com idosos reforçam os dados estatísticos e humanizam a informação: “Eu caí umas sete vezes”, nos conta a dona de casa Juraci Alice Lobo, de 71 anos. “Eu perdi o equilíbrio e fui de cara no chão. Abri a testa, o nariz todo, os dentes da frente e o joelho”, revela a aposentada Maria Ercília Baronto Flores, de 85 anos.

As entrevistas com os idosos, logo após uma informação estatística fria, estão de acordo com uma tendência do telejornalismo praticado pelo programa de humanizar o relato através da construção de personagens, isto é, da apresentação de pessoas com nomes próprios e histórias de vida que servem para exemplificar a situação de muitas outras. No *Globo Repórter* sobre *Novos Velhos*, conhecemos a dona de casa Acyr Magalhães, de 84 anos. Ela é filmada andando pela cidade do Rio de Janeiro. Sua imagem é exibida com o seguinte *off*:

**Off** – Ela vive do outro lado da Baía de Guanabara, no centro de Niterói, uma das cidades com o maior percentual de idosos do estado do Rio de Janeiro. Sofre as agruras que toda pessoa de idade enfrenta nas grandes cidades, como São Paulo ou Rio de Janeiro, em plena Praia de Copacabana.

Portanto, Dona Acyr Magalhães serve como exemplo de um grupo muito maior, os idosos que vivem em grandes cidades brasileiras. A humanização do relato provoca uma aproximação entre o programa e a audiência, mas essa aproximação, como sinaliza Gomes (2005), não significa simplesmente se reconhecer na tela, mas reconhecer aquela história que é contada como humana, verdadeira, real. Ao apresentar os personagens, o programa encena pequenos acontecimentos da vida cotidiana, outra forma de humanização do relato. Acyr é filmada caminhando pelas ruas da cidade. As pequenas encenações são bastante exploradas pelo *Globo Repórter*, que possui um tempo muito maior do que outros jornalísticos da emissora para abordar cada personagem e sua história.

Além dos especialistas, outra forma do *Globo Repórter* dar credibilidade à informação é dando destaque ao modo de produção da notícia a partir de palavras como o programa pesquisou, testou, provou, isto é, foi atrás e apurou a informação. No *Globo Repórter* sobre *Crédito Fácil*, por exemplo, após interpelar três vezes o público – “Vale a pena comprar a prazo? Fazer empréstimos no banco? Apelar para o famoso crédito?” – Sérgio Chapelin nos informa: “O *Globo Repórter* investiga os negócios à prestação”. Também faz referência ao repórter, valorizando o trabalho desse profissional, que vai atrás da informação, que tanto investiga como testemunha os acontecimentos: “mas por que afinal as financeiras brigam tanto por um cliente? Nosso repórter entra na fila do dinheiro fácil e descobre o motivo.” Outra forma encontrada pelo programa de enfatizar a verdade de uma informação é pela interpelação direta feita pelo apresentador em relação à audiência. No programa sobre os *Mistérios do Cérebro*, Sérgio Chapelin pede, logo no início da frase, que o público acredite no que vai ser dito em sequência. Ele diz: “Acredite... sol faz muito bem à nossa cabeça.” Dessa forma, ele também magnifica a notícia, aumenta a sua im-

portância, transforma uma informação banal, quase senso comum, em algo novo e surpreendente.

Com o selo comportamento, o *Globo Repórter* exibiu no dia 14 de dezembro de 2007 o programa *Paixão*, que se propôs a revelar “histórias inacreditáveis”. No dia 25 de abril de 2008, foi exibido o programa *Vida de Gari*, que contou “histórias curiosas e emocionantes de brasileiros que cuidam da limpeza das grandes cidades”. O programa do dia 09 de maio de 2008 falou das “Novas Famílias” a partir do modo “como pais e filhos se relacionam atualmente”. Esses programas partem de histórias individuais para demonstrar tendências de comportamento e modos de vida do brasileiro nos dias de hoje. Com o selo atualidades, aparece uma maior diversidade de assuntos. É aqui que se encaixam as reportagens de serviço, como a exibida no dia 25 de julho de 2008 sobre *Crédito Fácil*. Nesses casos, o programa aconselha, orienta o telespectador/consumidor sobre o melhor modo de proceder numa determinada situação ou como evitar problemas futuros. No programa em questão, o *Globo Repórter* denunciou o mercado fácil de crediário, que fornece empréstimos a juros altíssimos, e alertou a população para negócios desse tipo. Ao mesmo tempo, com a ajuda de um especialista, um professor de economia da USP, ensinou o consumidor a calcular os juros de compras à prestação, escolher o melhor crediário, evitar dívidas e se livrar daquelas que já foram adquiridas.

Como o *Globo Repórter* é exibido em rede, o telespectador pretendido pelo programa encontra-se em qualquer parte do território nacional. Em qualquer edição do *Globo Repórter*, a fala dos mediadores é direcionada aos brasileiros. Dessa forma, o programa constrói entre as pessoas uma proximidade geográfica, uma identidade comum. Trata os telespectadores por aquilo que os une, a nacionalidade, e ignora as diferenças dos diversos estados e regiões brasileiras. Da mesma forma, aqueles que aparecem no programa são representações do povo brasileiro, o que fica evidente no texto de Sérgio Chapelin, logo na abertura do programa *Educar para Mudar*, exibido no dia 22 de julho de 2005.

**Sérgio Chapelin** – É preciso dar uma chance a milhões de **brasil-  
leirinhos** que ainda trabalham na hora de brincar, como Matheus.

Acredite, com cinco anos, ele quebra coco com porrete e machado para ajudar a família.

Outros exemplos apontam para essa preocupação do *Globo Repórter* de abranger o território nacional. No programa sobre os “Mistérios do Cérebro”, exibido no dia 26 de agosto de 2006, falando da relação entre os alimentos e o funcionamento do cérebro, o repórter, em *off*, toma como exemplo o feijão e o arroz, nas suas palavras: “o prato típico do brasileiro.”

**Sérgio Chapelin** - A ciência já estuda a relação entre os alimentos e o funcionamento do cérebro. Duas universidades gaúchas, a Federal e a Unisinos, estão pesquisando juntas quanto a nossa dieta pode oferecer nutrientes essenciais para melhorar a comunicação entre as células do cérebro. É o caso por exemplo do arroz com feijão, o prato típico do brasileiro, que ajuda a manter o cérebro funcionando bem.

Nos programas de viagem, o *Globo Repórter* fala do estrangeiro, preferencialmente, a partir de brasileiros que vivem ou passeiam por lá. Na edição sobre a Turquia, conhecemos Clara Süsskind, uma carioca de Copacabana, que é bailarina e vive há mais de um ano no país. Em lugares turísticos, como a casa de Maria, mãe de Jesus, o repórter Edney Silvestre entrevista duas brasileiras que estão a passeio na Turquia. Elas relatam a emoção que sentem ali. Ao final, despedem-se do repórter com um abraço caloroso. Além dos brasileiros que viajam como turistas, o repórter entrevista um casal formado por uma brasileira e um brasileiro descendente de turco, que vive há 24 anos no país. O programa, portanto, oferece diferentes exemplos de trajetórias de brasileiros na Turquia.

De modo a abarcar uma diversidade de telespectadores, o *Globo Repórter* optou por endereçar-se de maneira bastante didática. O *Globo Repórter* quer ser compreendido pelo público mais diverso, telespectadores com maior ou menor capacidade interpretativa e bagagem cultural. Por isso o programa investe no didatismo. As falas pausadas e bem articuladas do apresentador e do repórter demonstram cuidado com a clareza da informação, que deve ser acessível a todos, pessoas de diferen-



tes níveis: social, econômico e cultural. Para isso, o programa também faz uso de recursos audiovisuais diversos, como gráficos, tabelas, trilha sonora, diagramações visuais, tudo isso para deixar os assuntos mais acessíveis aos telespectadores. O *Globo Repórter* que tratou de aspectos neurológicos (portanto, não visíveis a olho nu), recorreu à computação gráfica para facilitar a compreensão dos telespectadores em relação à anatomia do cérebro e de seu funcionamento. Na medida em que a voz *off* explicava o lugar responsável por determinadas emoções, essa parte do órgão era identificada por uma mudança de cor e por uma aproximação na imagem. Além disso, certas palavras-chave apareciam escritas na tela, à medida que eram ditas pelo narrador: “O cérebro tem menos de 5% da massa total do corpo” (aparece escrito na tela – menos de 5% da massa total), “mas gasta mais de 20% de todo o oxigênio que a gente respira” (aparece escrito na tela – 20% de oxigênio). “Com tanto oxigênio concentrado num espaço tão pequeno” (é dado um *zoom* na imagem do cérebro e aparecem vários símbolos de O<sub>2</sub>), “pode acontecer com o cérebro o que acontece com um pedaço de metal em contato com o ar, a oxidação” (aparece a palavra oxidação na tela), “é como se ele enferrujasse”. Esse texto serve também para ilustrar o uso de analogias, tais como “pode acontecer com o cérebro o que acontece com um pedaço de metal”, a fim de facilitar a compreensão do que está sendo explicado, o que reforça o didatismo do programa.

Além disso, é comum o uso de perguntas como recurso didático. No programa do dia 25 de julho de 2008, sobre crédito fácil, Sérgio Chapelin faz as seguintes indagações: “Vale a pena comprar a prazo? Fazer empréstimos no banco? Apelar para o famoso crédito?” O apresentador, ao lançar perguntas ao telespectador, não espera que as respostas venham do público. O programa nem mesmo oferece meios para isso. As perguntas funcionam como estratégias retóricas que traduzem aquilo que o *Globo Repórter* acredita ser de interesse do telespectador, aquilo que o público quer saber. Ao formulá-las, o programa já possui as respostas. São as respostas que guiam a formulação das perguntas e não o contrário. Portanto, só valem perguntas para as quais as respostas estão prontas. É o programa, através de fontes autorizadas, que deve oferecer

as respostas. As perguntas também indicam a direção (enquadramento) escolhida pelo programa ao abordar um assunto específico. Além disso, as perguntas não servem a um debate, crítica ou reflexão, mesmo quando os assuntos são polêmicos ou tratam de problemas crônicos da sociedade civil, como a questão educacional ou a questão ambiental. “Conhecemos uma escola sem paredes, alunos curiosos, professores dispostos a novas experiências. É uma receita tentadora. Como o ensino público pode ficar mais atraente”? Como resposta a essa pergunta, o programa nos oferece uma receita, ou seja, algo que pode ser seguido passo a passo pela audiência. Ou ainda: “A nossa equipe percorreu os lugares mais pobres do nosso país, como os jovens desses bairros encontram a profissão?” Aqui, já está dito que a equipe do programa percorreu esses bairros, portanto, encontrou a resposta para a pergunta proposta. Chapelin nos diz: “São Paulo. O que aconteceu no dia em que em uma hora, a chuva de um mês e meio despencou pela cidade?” Para essa pergunta já está preparada uma reportagem que acompanhou o tal dia de chuva. Nesses casos, as respostas simplificam questões complexas, que estão longe de serem aprofundadas no programa.

No *Globo Repórter*, a narração feita pelo repórter no interior da reportagem cumpre diversas funções. É através da voz em *off* que temos acesso às informações adicionais, complementares à fala dos especialistas, e que são validadas por eles, as fontes da informação. “Hoje, 80 milhões de brasileiros, quase metade da população do país, têm algum dívida”, nos informa o repórter Paulo Renato Soares. Também cabe ao narrador apresentar os personagens e fazer a costura de momentos distintos da reportagem, de ligar diferentes pessoas e lugares de modo a dar unidade ao programa e manter o seu foco temático. A passagem de um momento a outro da reportagem, isto é, de um desdobramento a outro do tema, também é feita pelos intervalos comerciais.

O programa trata as mais diferentes questões a partir de um enfoque positivo. Os exemplos escolhidos são de sucesso e superação. No programa sobre os *Novos Velhos*, o *Globo Repórter* construiu uma visão otimista da velhice. O programa utiliza diversos exemplos para defender a tese de que considerar idade sinônimo de limitação está ficando cada vez

mais antigo, totalmente fora de moda. Portanto, os idosos apresentados no programa são ativos e dinâmicos. O clima é de alegria, os idosos fazem aulas de dança, são independentes, moram sozinhos. Há também histórias de maior apelo emocional, seja porque os idosos passaram pela superação de alguma doença ou por perdas afetivas. Nesses casos, o programa ressalta o apoio recebido por profissionais e principalmente pela família. O objetivo do programa é que essas histórias sirvam de exemplo para pessoas que vivem ou viveram situações semelhantes. Mostrar que, apesar de tudo, é possível ser feliz. Portanto, as dificuldades são mostradas como desafio e superação. No final, o que fica do *Globo Repórter* são mensagens positivas, de otimismo e esperança. No *Globo Repórter* sobre educação, por exemplo, o narrador, ao finalizar a reportagem sobre um menino que vive numa casa de adoção, nos diz a seguinte frase, em tom emotivo e nacionalista: “por destino ou por coincidência, nossas cores estão com ele, o menino que sente saudade. O calção verde, a blusa amarela e o céu azul e branco. Mas para a criança sempre há um toque de esperança, nas muitas cores do arco-íris” (congela a imagem do menino que brinca sozinho no parque da instituição, na sequência, surge no céu, por computação gráfica, a imagem de um arco-íris). Tudo isso é acompanhado por uma trilha musical melódica e sentimental, que continua enquanto surgem os créditos finais, de toda a equipe do *Globo Repórter*, sobre a imagem do garoto. Pode-se dizer que o programa se coloca como um lugar de soluções e de positividade para um telespectador que busca saídas para os seus problemas a partir de iniciativas individuais.

#### CONCLUSÃO

O *Globo Repórter* é um programa que trata os temas a partir de um mesmo formato, que se encaixa em qualquer assunto, apesar de algumas especificidades surgirem em função do enfoque temático. Sobre as regularidades, elas nos dizem do modo de endereçamento do programa, daquilo que lhe dá unidade e cria um modo específico deste se relacionar com a audiência. O *Globo Repórter* escolhe um tema por edição. É um programa que investe na credibilidade da informação, seja através da presença de especialistas ou do repórter, que é valorizado como testemu-

nha do acontecimento. As pessoas comuns e suas histórias servem para ilustrar uma situação ou provar uma determinada tese. Ao disponibilizar a informação, o programa investe em diferentes recursos narrativos e de atração para chamar a atenção do telespectador. Portanto, a informação nunca é dada pura e simplesmente, mas ganha contornos de algo surpreendente, inédito, fascinante, espetacular. O programa faz uso de estratégias, formas e retóricas para provocar excitação, drama, espetáculo e fascínio, o que não é exclusividade do *Globo Repórter*. É comum nos dias de hoje que programas tradicionalmente destinados à informação utilizem estratégias narrativas mais associadas ao entretenimento. Por isso, a discussão sobre a relação entre a informação e o entretenimento está na ordem do dia nos debates acadêmicos, o que tem sido traduzido pela expressão *infotainment*. Há os que defendem e os que abominam essa aproximação. Mas, em qualquer caso, não há como negar essa dimensão do telejornalismo hoje, que nos diz do modo como o jornalismo de informação tem se desenvolvido na disputa pela audiência. E o *Globo Repórter*, como vimos, escapa e muito à dimensão meramente informativa. Nos dias de hoje, as pessoas têm fontes diversas para buscar a informação. O programa oferece algo a mais para seduzir a audiência. O *Globo Repórter* investe em elementos narrativos e de atração que acessam outras dimensões humanas, que não as cognitivas, apenas. Trata-se das dimensões afetivas, sensoriais e de prazer dos telespectadores. Mas isso não implica, necessariamente, num enfraquecimento da função informativa do programa. Aliás, uma forte preocupação do programa é em ser claro e acessível para qualquer um. Por isso, a opção do *Globo Repórter* é por um endereçamento didático. O programa formula perguntas para as quais as respostas já estão prontas. Para qualquer problema, o programa fornece soluções, ou melhor, receitas. Portanto, basta seguir as instruções. A postura de Sérgio Chapelin assemelha-se a de um consultor, que fala de maneira pausada a fim de ser compreendido por todos. Dessa forma, o *Globo Repórter* evita a reflexão, a discussão e o debate, mesmo quando se trata de problemas complexos e crônicos da sociedade. Assim, evita-se o conflito e opta-se pelo consenso. O telespectador não é convidado ao pensamento, ele é o receptor daquilo que o programa foi buscar e inves-

tigar para ele e que é oferecido de forma mastigada, didática, mesmo que com uma roupagem narrativa ou espetacular. Essas estratégias revelam muito do modo como o *Globo Repórter* se relaciona com a sua audiência e como traduz a promessa de profundidade feita pelo programa.

#### REFERÊNCIAS

COUTINHO, Eduardo. Retrospectiva brasileira: depoimentos. FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS “É TUDO VERDADE”, 7., 2002. Disponível em: <<http://www.bdetudoverdade.com.br/2002/>>. Acesso em: 07 jan. 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Congresso...* Rio de Janeiro: [s.n.], 2005. Trabalho apresentado ao NP 07 – Comunicação Audiovisual.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MATTOS, Carlos Alberto. *Walter Lima Júnior: viver cinema*. São Paulo: Casa da Palavra, 2002.

MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira – 40 anos de história: 1950 –1990*. Salvador: ABAP/A Tarde, 1990.

MEMÓRIA GLOBO. *Globo Repórter*. [2008]. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-238604,00.html>>. Acesso em: 04 jun. 2009.

PENNA, Hermano. Retrospectiva brasileira: depoimentos. FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS “É TUDO VERDADE”, 7., 2002. Disponível em: <<http://www.bdetudoverdade.com.br/2002/>>. Acesso em: 07 jan. 2008.

REDE GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SACRAMENTO, Igor. *Depois da revolução, a televisão: cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970*. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.